

# INTRODUÇÃO

Ler Guimarães Rosa é participar de uma aventura no reino mágico da palavra. E se essa aventura nos oferece muitos encantamentos, não é isenta de problemas e dificuldades. Para dar vazão à sua portentosa imaginação, aliada a finíssima sensibilidade, com as quais cria suas inúmeras personagens, movimenta-as em tramas surpreendentes e coloca-as num ambiente natural minuciosa e poeticamente descrito, Guimarães Rosa revolveu as potencialidades da língua e criou um estilo que assombra e desafia o leitor. A sua opulência verbal inclui recursos expressivos extremamente variados, quer de ordem léxica, quer sintática, quer retórica. O uso que faz da língua resulta simultaneamente de imaginação, sensibilidade, memória, conhecimento, pesquisa, erudição; de “trabalho, trabalho e trabalho”, para usar sua própria explicação; acrescente-se ainda, com relação a seu experimentalismo, ousadia, anseio de originalidade e perfeição. Pode-se dizer que o seu ideal de língua literária se enquadra nas características que ele apreendeu do idioma húngaro, entre as quais as seguintes, que se referem mais especificamente à palavra:

Por sua própria natureza original, [o húngaro] permite todas as caprichosas e ousadas manipulações da gênese inventiva individual. Praticamente ilimitada é a criação de neologismos, o *verbum confingere*. O intercambiar dos sufixos e das partículas verbais é universal: os radicais aí estão à espera de um qualquer afixo, como os forames de um painel de mesa telefônica, para os engates *ad libitum*. Possível mesmo é a engendra de sufixos novos, partindo de terminações singulares ou peregrinas de vocábulos. Vale é o valível. Imissões adúlteras não são ilegítimas. A seiva arcaica se redestila. Absorvem-se os ruralismos. Recapturam-se as esquivas florações da gíria. Entre si, as palavras armam um fecundo comércio. (“Pequena Palavra”, prefácio da *Antologia do Conto Húngaro*. Seleção, tradução, introdução e notas de Paulo Rónai, Civilização Brasileira, 1957).

A linguagem intensamente elaborada de Guimarães Rosa foge, intencionalmente, à transparência para se embeber de mistério. Há obstáculos que exigem atenção e provocam reação diversa nos leitores. A sintaxe, por suas inversões e elipses, e o léxico, por sua requintada complexidade, não permitem que o texto seja recebido passivamente, mas solicitam o leitor a ter também algum papel na criação artística. Uns param em princípio ou meio da leitura, outros vão mais além e os que persistem sentem cada vez mais a fascinação do texto insólito, do seu ritmo e musicalidade, das suas imagens tão numerosas quanto belas, das suas construções carregadas de ênfase, dos seus vocábulos expressivos — novos ou antigos, inventados ou minerados no tesouro da língua, cultos ou populares, graciosos, poéticos, pitorescos, humorísticos ou graves, solenes, rebarbativos, abstrusos — impregnados, enfim, de múltiplas conotações.

## Introdução

Inúmeros estudos se têm feito da obra rosiana, não só no Brasil como no exterior. Mas, a meu ver, faltava uma obra que reunisse, com as explicações possíveis, o vocabulário de toda a sua obra, considerado, mesmo sem dados mais precisos, o mais amplo usado por um escritor de língua portuguesa. Essa temerária tarefa me vinha seduzindo há muito tempo e comecei a tentá-la há uns dez anos. Minha ambição era ter e dar uma idéia da extensão e complexidade desse vocabulário, o quanto dele é do patrimônio dicionarizado da língua, o quanto se deve às inovações e audácias do estilista. Muitas vezes imagina-se serem de sua criação palavras que se desconhecem, que são, contudo, arcaísmos, regionalismos, indigenismos ou neologismos já empregados por outros. Creio que nenhum escritor oferece uma visão tão significativa das potencialidades do nosso idioma como Guimarães Rosa. Para indicação mais exata do que é realmente de sua inventiva, seria preciso um maior conhecimento do léxico de autores que o antecederam ou que foram da sua geração, a existência de um dicionário bem abrangente do português arcaico, outros de regionalismos, bem como vocabulários dos escritores mais representativos da literatura de língua portuguesa. Enquanto não temos tais obras, são arriscadas as suposições quanto ao que é ou não verdadeiramente seu, ou quanto ao que dele recebe um sentido inusitado.

Foi meu intento realizar um trabalho que não seja apenas mais um estudo da linguagem de Guimarães Rosa, mas um estudo de língua portuguesa na área lexical e estilística, tendo como *corpus* a obra do escritor. Espero que ele possa tanto ajudar os leitores de Guimarães Rosa, como dar uma contribuição e estímulo para outros estudos lingüísticos.

Procurei selecionar, de preferência, os vocábulos empregados com algum valor estilístico mais acentuado, vocábulos com alguma expressividade particular, como neologismos, arcaísmos ou vocábulos arcaizantes, empréstimos, onomatopéias, palavras populares, regionais ou eruditas. Assim sendo, não foram incluídos vocábulos do léxico básico da língua, aqueles que todos conhecem e usam, a não ser que seu emprego ultrapasse o puramente referencial, estando enriquecidos de uma conotação especial. Certamente essa seleção não foi fácil e tive muita indecisão em incluir ou não determinadas palavras; daí ocorrerem, inevitavelmente, omissões e arrolamento supérfluo de vocábulos.

No inventário realizado figuram cerca de 8.000 palavras, número que equivale a 1/13 ou 8,4% das 100.000 palavras do *Novo Dicionário Aurélio* (1. ed.) e a 1/38 ou 2,6% das 307.000 palavras dos doze volumes do *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, de A. de Moraes Silva. Dessas 8.000 palavras, mais de trinta por cento são dadas como não dicionarizadas (ND.). Evidentemente tal classificação não é absoluta, ela quer dizer que essas palavras não foram encontradas nos dicionários que serviram de base de pesquisa ou em alguns outros consultados eventualmente. É possível que se encontrem em outros que não pude utilizar. Baseei-me principalmente nos dicionários de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, de Caldas Aulete, de A. de Moraes Silva e de Laudelino Freire, e nos dicionários etimológicos de José Pedro Machado, Antônio Geraldo da Cunha e Antenor Nascentes. Vali-me também, ocasionalmente, dos dicionários de Cândido Figueiredo, de Eduardo Faria, e alguns mais. Evidentemente, foi necessário, em certos casos, recorrer a enciclopédias e a dicionários de outras línguas: tupi, latim, grego, francês, espanhol, italiano, inglês, alemão. Foram ainda bastante úteis estudos diversos da linguagem de Guimarães Rosa, destacando-se o de Cavalcanti Proença, *Trilhas no Grande Sertão*, o de Mary Lou Daniel, *João Guimarães Rosa – Travessia Literária*, o de Nei Leandro de Castro, *Universo e Vocabulário do GRANDE SERTÃO*, e a coletânea *Fortuna Crítica de João Guimarães Rosa*. De uns tantos vocábulos de *Sagarana*, de *Corpo de Baile* e de *Primeiras Estórias*, o próprio A. dá explicações na correspondência com seus tradutores. Algumas explicações foram também colhidas no *Arquivo de João Guimarães Rosa*, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. E, mesmo assim, certo número de palavras permanecem inexplicadas, ficando a cada leitor o direito de atribuir-lhes o significado que mais pertinente lhe pareça.

Não se incluíram neste trabalho nomes próprios, apesar de terem inegável importância estilística. É que, sendo a sua função primeira identificar pessoas, animais, lugares, não têm eles um significado a explicitar. Eles são tão numerosos que ultrapassam os limites aqui assumidos. Demais, os antropônimos já foram estudados em dois excelentes trabalhos, a saber, *Nomes de Personagens em Guimarães Rosa*, de Júlia Conceição Fonseca Santos, e *Recado do Nome*, de Ana Maria Machado. Quanto aos nomes botânicos e zoológicos, pensei, a princípio, em apenas arrolá-los num apêndice, mas depois achei mais conveniente incluí-los no corpo do

## Introdução

---

vocabulário, com as respectivas abonações, pois muitas delas são de alto teor poético. Esses nomes têm grande importância na caracterização do ambiente em que se desenrolam as narrativas, e revelam o culto e sensibilidade do artista aos aspectos da natureza. O fato de serem muitos deles brasileirismos, reforça a conveniência do mesmo tratamento dado a outros tipos de palavras.

Quero salientar que esta obra permanece aberta para acréscimos, correções e aprimoramento. Certamente muitos terão uma contribuição a dar e serão muitíssimo bem-vindos.

Espero, enfim, que me seja relevado se não tive a sabedoria, argúcia e sensibilidade suficientes para apreender com mais profundidade e sutileza o valor de muitas das palavras do nosso grande escritor.

Desejo expressar, com viva satisfação, meus agradecimentos às pessoas e instituições que, de modos diversos, me ajudaram a realizar este trabalho e a vê-lo, finalmente, apresentado como livro, à disposição de estudiosos de Guimarães Rosa e da língua portuguesa. A meu assistente Evair Dias agradeço a dedicação e eficiência com que atenuou minhas dificuldades com o computador, além de outras relativas à própria elaboração do trabalho. Ao professor Davi Arrigucci Jr, sou profundamente reconhecida pelo incentivo que me deu e pela confiança que demonstrou na minha capacidade para executar esta audaciosa tarefa. Aos professores Maria da Piedade Moreira de Sá, Heitor Megale e José Antônio Senna, que leram uma parte inicial do trabalho, agradeço algumas observações bastantes úteis que me fizeram. Com particular emoção, agradeço à professora Diva Gomes a inestimável colaboração, por rever, com infinita paciência, zelo e competência, as provas para publicação. Estendo minha gratidão às funcionárias do IEB que, com toda atenção e gentileza, me propiciaram acesso ao valiosíssimo *Arquivo de Guimarães Rosa*, à Edusp, que acolheu o meu trabalho, e aos integrantes do seu corpo editorial que deram o melhor de seus esforços para que a obra tivesse uma bela apresentação, e à Fapesp, que reconheceu a conveniência da publicação e ofereceu seu apoio financeiro.

NILCE SANT'ANNA MARTINS